



MACABÉA

REVISTA ELETRÔNICA DO NETLLI
ISSN 2316-1663

VOLUME 10, NÚMERO 4 | ABR. 2021
EDIÇÃO ESPECIAL DOS 10 ANOS
<https://doi.org/10.47295/mren.v10i4.33141>

A CRUZ DE MARIA DAS QUENGAS: VISITAÇÃO, DEVOÇÃO E SACRALIZAÇÃO DO ESPAÇO



THE CROSS OF MARIA DAS QUENGAS: VISITATION, DEVOTION AND SACREDNESS OF SPACE

RUAN CARLOS MENDES

BERENICE ABREU DE CASTRO NEVES

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | OS AUTORES
RECEBIDO 21/01/2021 • APROVADO EM 08/03/2021

Abstract

Visiting so-called local saints is a fundamental practice within marginal devotions. When visiting the tomb or place of death of the popular saint of his devotion, the faithful redefines his bonds of protection and thanks what he has already achieved. In this article, we analyze the visit to the sanctuary built in honor of Maria das Quengas, in Pitombeira II, in the city of Russas, understanding that the cross, in this sanctuary, is the physical element that materializes this devotion, and the visits, at the same time that they update the faith of devotees to the Saint, they also legitimize and consecrate the sacredness of space. The sources used in the research were the narratives of the devotees of Maria das Quengas and the observations recorded during our fieldwork. The concepts of Marginal Devotions (PEREIRA, 2005) and Sacred Space (ROSENDAHL, 2012) illuminate the analysis. We noticed some particularities in the devotional cult to Maria das Quengas, expressed in the visits, whether the presence of the “caretaker”, at the same time of worship and the cross, and the outsourcing of promises, as a mediation between holiness and the faithful.

Resumo

A visitação aos chamados santos locais é uma prática fundamental dentro das *devoções marginais*. Ao visitar o túmulo ou lugar da morte do santo popular de sua devoção, o(a)fiel redefine seus laços de proteção e paga graças já alcançadas. Nesse artigo, analisamos a visitação ao santuário erguido em homenagem a Maria das Quengas, em Pitombeira II, no município de Russas, entendendo que a cruz, neste santuário, é o elemento físico que materializa essa devoção, e as visitas, ao mesmo tempo que atualizam a fé dos devotos e das devotas à Santa, também legitimam e consagram a sacralidade do espaço. As fontes utilizadas na pesquisa foram as narrativas das devotas e devotos de Maria das Quengas e as observações registradas durante o nosso trabalho de campo. Iluminam a análise os conceitos de *Devoções Marginais* (PEREIRA, 2005) e *Espaço Sagrado* (ROSENDAHL, 2012). Constatamos algumas particularidades no culto devocional à Maria das Quengas, expresso nas visitas, seja a presença da “zeladora”, ao mesmo tempo do culto e da cruz, e as terceirizações das promessas, como mediação entre a santidade e o(a) fiel.

Entradas para indexação

KEYWORDS: All Souls Day. Devotion. Popular saints.

PALAVRAS-CHAVE: Dia de Finados. Devoção. Santos Populares.

Texto integral

1. INTRODUÇÃO

Maria Agostinho dos Santos, conhecida como Maria das Quengas devido ao fato de esmolar com quengas de cocos amarradas na cintura, foi assassinada no final do século XIX – mais especificamente, no dia 27 de julho de 1893 – informação que resiste à ação do tempo inscrita na cruz que marca o local de sua morte, na beira de uma estrada da comunidade de Pitombeira II, no município de Russas-CE¹. A “morte trágica”, e com fortes elementos de crueldade, acabou permanecendo por mais tempo na memória das pessoas, e, assim, as narrativas sobre a morte de Maria das Quengas e seus milagres foram passando de geração em geração, chegando até os dias atuais.

Maria das Quengas, ao longo do século XX, foi “santificada” pelas gerações de rusanos e também por pessoas de outras regiões que passaram a tomar “notícia” dos milagres, que, segundo seus devotos e devotas, Maria Agostinho dos Santos começou a “operar” após sua morte. O fiel de Maria das Quengas não pode ser enquadrado em um perfil único – não existe um elemento social ou econômico de identificação –, pois, ao longo da pesquisa, tivemos contato com as mais diversas

¹A cidade de Russas está localizada na região do Vale do Jaguaribe, aproximadamente a 152 km da capital do Ceará, Fortaleza. O bioma da região é o da Caatinga. Sua população, no último censo em 2010, era de 69.833 habitantes e a estimativa em 2016 é de 75.762. Dados disponibilizados no site do IBGE: <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=231180&search=ceara|russas>>.

peças: homens, mulheres, jovens, idosos, ricos, pobres e diferentes níveis de escolaridade. Não obstante, o que congrega esses sujeitos é a fé nos milagres de Maria das Quengas; assim, “o que possuem em comum é a irrefutável fé na Santa Cruz e os saberes processados da escuta, por ouvirem os mais velhos contarem, em diferentes momentos de suas vidas, as narrativas do objeto miraculoso e as graças por eles alcançadas” (SANTOS, 2009, p. 13).

Devido à tradição oral presente, os devotos e as devotas ainda costumam, principalmente no Dia de Finados, irem até a cruz de Maria das Quengas para agradecerem pelas graças alcançadas e renovarem a devoção com a “santa”. Nesse artigo, discutiremos o universo simbólico que envolve a relação dos devotos e devotas com Maria das Quengas e a sacralização de um lugar, o “santuário” erigido em honra da santa, e a cruz que o ornamenta, na reafirmação da devoção.

2. DIA DE FINADOS: VISITAR E AGRADECER

Um aspecto comum nas devoções aos santos populares é a prática de maior visita de fiéis ao espaço físico da devoção, no dia 02 de novembro, Dia de Finados ou Dia de Todos os Mortos. Sobre essa data oficial da Igreja Romana, Andrade Júnior esclarece que:

O Dia de Todos os Mortos ou Finados foi instituído pela Igreja no século XI, mas já era uma característica de povos antigos que cultuavam seus mortos de maneiras diversas, até mesmo os cristãos já o faziam independente da aprovação oficial do clero. Como a ortodoxia católica não conseguiu impedir o culto aos mortos, a alternativa foi instituí-lo e controlá-lo a partir de então (ANDRADE JUNIOR, 2008, p. 142).

De acordo com o historiador citado, a institucionalização do Dia de Finados pela Igreja Católica foi uma tentativa de controlar algumas práticas não aprovadas pelo clero da instituição. Não obstante, podemos perceber, de forma clara, nos santos locais ou em cemitérios, que a data de culto aos mortos, mesmo já sendo oficial, continua tendo usos diversos e múltiplos nos cenários das devoções ditas populares, pois uma data, que oficialmente é instituída para a lembrança e zelo dos mortos próximos, passa a ser, em muitas devoções, o dia do “santo próximo”. Assim:

Esses túmulos, locais do sagrado vivido, são visitados durante todo o ano por crentes que acorrem aos ocupantes sempre que necessário, mas é no dia de finados (02 de novembro) que são mais visitados. Para os devotos, os mortos se tornam mais atentos aos pedidos, no dia em que lhes são rendidas homenagens (ANDRADE JUNIOR, 2008, p. 142).

Na concepção da prática devocional, Dia de Finados é o dia homenagear e visitar os mortos, fazendo com que a frequência de pessoas aos cemitérios nesse dia aumente consideravelmente. Assim, fazer pedidos aos milagreiros nesse dia é mais oportuno, pois já é o dia de visitar outros mortos: “O dia de finados (02 novembro) é uma data propícia para detectar as devoções marginais (devoções às almas) nos cemitérios de todo o Brasil. É raro um cemitério que não tenha um túmulo que dizem operar milagres” (PEREIRA, 2005, p. 54).

No caso dos milagreiros que tiveram seus túmulos sacralizados pela devoção, a visitação ocorre no próprio cemitério, como no caso da cigana Sebica Christo, que foi transformada em milagreira pelos devotos e recebe inúmeras visitas no Dia de Finados, em seu túmulo no Cemitério Cruz das Almas em Lages-SC (ANDRADE JUNIOR, 2008).

Um segundo caso de milagreiro que é cultuado dentro de cemitério ou, como alguns estudiosos do assunto chamam, santos de cemitério, é o caso do túmulo de Jararaca, no cemitério São Sebastião em Mossoró-RN.

Visitado durante o dia de finados, o túmulo de Jararaca é a construção fúnebre que mais atrai atenções. Muitos passam em frente ao túmulo por curiosidade e escutam as narrativas sobre Jararaca. Histórias de que Jararaca teria suplicado aos soldados para não matá-lo, de que quebraram suas pernas e que o mesmo cavou a própria cova e que fora enterrado vivo (FALCÃO, 2011, p. 136).

Jararaca foi um cangaceiro do bando de Lampião, capturado e morto durante um ataque à cidade Mossoró-RN. A morte trágica e o arrependimento do cangaceiro nos últimos minutos de vida são elementos que possibilitam a construção da santidade e devoção:

Jararaca é, para as pessoas que levam flores e fazem orações em seu túmulo, a ajuda dos momentos angustiantes. O ponto de apoio e socorro para as mazelas da vida. É o milagreiro para quem se reza mais por precisão, do que pelo que se conseguiu pelas negociações da devoção. Seu lugar é o cemitério, espaço em que se escutam as narrativas ou para atacá-lo como bandido ou para defendê-lo como santo (FALCÃO, 2011, p. 164).

Os fiéis dos “santos locais”, sejam eles de cemitérios ou nos mais diversos “espaços”, encontram em suas devoções o alívio para as mazelas terrenas. Muitas vezes, o milagreiro é o único socorro que o devoto encontra. Sobre essa multiplicidade de espaços sagrados, em que a Igreja deixa de ser o único e exclusivo espaço de devoção, vejamos o que Pereira afirma:

A Igreja templo deixa de ser o lugar exclusivo para as práticas devocionais. Surgem novos espaços para as manifestações e vivências da religião: as ruas, capelas de beira de estradas, parques, estádios e, principalmente, os cemitérios [...]. São todos esses espaços, ou territórios, como convencionamos denominá-los, lócus das devoções marginais. Espaços livres de cerceamentos, como são livres essas práticas religiosas. As instituições não interferem e os fiéis podem expor a criatividade da imaginação religiosa (PEREIRA, 2005, p. 10-11).

Um terceiro exemplo desse movimento no Dia dos Mortos aos espaços sacralizados é percebido no culto popular ao “santo” Lô, em Maringá-PR, um jovem de 15 anos, morto de forma cruel e injusta, tomado como um mártir pela população da cidade, que também apresenta esse costume de visita ao “santo” no cemitério, no dia de finados: “O culto à Clodimar se dá no cemitério Municipal de Maringá, espaço sagrado de orações e homenagens aos mortos. Porém o dia de maior movimentação em torno do túmulo de Lô é o dia dedicado a homenagear os mortos” (VIANA; ANDRADE, 2009, p. 6).

Outro exemplo de milagreira que recebe visitas no Dia de Finados, quarto caso nessa nossa listagem, é o caso do Culto à Cruz de Rufina. Segundo Santos (2009), Rufina era uma moça bela que, devido a um relacionamento amoroso com um Coronel da região do Cariri-CE, acabou sendo morta de forma trágica e o local de sua morte foi marcado com uma cruz. Essa morte, como a de muitos outros santos populares, ocorreu entre o final do século XIX e início do XX. A cruz de Rufina passou a ser um espaço de devoção popular e começou a receber visitas e pagamentos de promessas, principalmente no Dia de Finados. Porém, o pesquisador Santos (2014) nos apresentou uma singularidade neste “espaço sagrado” da cruz de Rufina, pois os devotos começam a sepultar seus anjinhos, crianças nascidas mortas, no entorno da Cruz de Rufina:

Nessa data, os devotos procuravam, durante o dia, se agrupar para seguir o trajeto, comumente já percorrido pelos mais velhos. E o “Dia de finados era um festejo”, afirmou Maria dos Arcanjos. Dessa maneira, a visita dos fiéis aos túmulos dos anjinhos e da Rufina, além de fazer lembrar a presença dos filhos vivos, desencadeava lembranças dos tempos vividos da criança dos devotos, quando seguiam os pais e os mais velhos, nos passos rumo à Santa Cruz (SANTOS, 2014, p. 76).

É visível que a presença das covinhas na cruz de Rufina cria um novo significado para o dia 2 de novembro e a visita da cruz, pois é lá que os devotos e devotas encontravam a sua santa de devoção e também os seus filhos, irmãos... que, de tão inocentes ao morrer, são considerados anjos.

Não obstante todas essas devoções já citadas e os respectivos movimentos de visitas no Dia de Finados, o exemplo mais contundente dessa prática de visita aos túmulos, cruzeiros ou lugares de morte dos santos populares é o culto atribuído ao

“santo” popular Pe. Cícero, em Juazeiro do Norte-CE: “Caso típico no Brasil é de padre Cícero Romão Batista, talvez o maior exemplo desse processo de consagração do imaginário religioso devocional” (PEREIRA, 2005, p. 53). Segundo Ramos (2003, p. 97), “com a morte do Padre Cícero, o dia dos finados transforma-se na data de maior romaria para Juazeiro, o tempo do grande morto, tão grande que não morreu de verdade”.

Ao estudar os chamados santos de cemitérios, José Carlos Pereira conceituou essas experiências religiosas de “devoções marginais”, pois são devoções que fogem da ortodoxia da Igreja Católica, ou seja, ficam à margem. A respeito do Padre Cícero, no livro *Devoções Marginais: interfaces do imaginário religioso*, o autor fala que:

Essa é uma das inúmeras devoções, no Brasil, que se enquadra na categoria de marginal, ou seja, devoções de cemitério. O padre não é reconhecido oficialmente como santo pela igreja católica, e nem os fiéis o chamam diretamente de santo, mas aqueles que o procuram, não duvidam de sua santidade. Enquanto vivia, ele foi até afastado de suas funções religiosas pela igreja, mas os devotos não dão a menor importância para esses fatos “políticos”, como definem alguns devotos. “O importante é que ele foi bom e faz milagres!” Afirma, categoricamente, José Raimundo, morador da região. O local onde ele está sepultado é centro de peregrinação, reforçando as características da devoção às almas, como uma devoção de muitos adeptos. A data da sua morte, 20 de julho, tornou-se motivo de peregrinação ao local. Todo dia 20 de cada mês, são feitas muitas homenagens, oferendas, orações e preces ao “santo”. Mas o dia de maior movimento é dia de finados. Nesse dia, acontece a maior de todas as procissões, segundo relatos dos dirigentes do santuário (PEREIRA, 2005, p. 37).

Percebemos que Ramos e Pereira concordam que o dia de maior visitação ao túmulo do padre Cícero é o Dia de Finados, mas é Ramos que nos apresenta uma possível explicação para esse movimento acentuado. Para o autor, essa associação entre o Dia de Finados e a visitação aos milagreiros corresponde à falta de uma data oficial para o culto ao santo popular. Até porque a data de festejos de um santo é escolhida pela Igreja. Sendo assim, verifica-se uma maior movimentação dos devotos e devotas nos locais sacralizados popularmente no dia 2 de novembro, dia que o catolicismo celebra os mortos. Dessa maneira, ocorre, pois, uma apropriação do rito do catolicismo oficial pela chamada religiosidade popular, considerando que visitar os mortos nessa data é uma prática valorizada pela Igreja Católica. Porém, na religiosidade dita popular, esse passa a ser o dia de visitar o “santo” ou “milagreiro”, que também não deixa de ser um morto, ou seja, um finado.

3. A CRUZ DE MARIA DAS QUENGAS E AS VISITAÇÕES NO DIA 02 DE NOVEMBRO

O culto em torno de Maria das Quengas também se insere dentro dessa tradição de visitação aos santos populares no Dia de Finados. Este é o dia em que os devotos e devotas vão levando consigo objetos para oferecer ao “santo”, além de comunicarem as graças alcançadas a outras pessoas, reforçando, dessa maneira, o culto popular e seu laço de gratidão com o santo: “No dia de Finados, os devotos oferecem velas, flores, orações em agradecimento aos favores obtidos” (GAETA, 1999, p. 64).

Na devoção à Maria das Quengas, as visitas do dia 2 de novembro ocorrem na cruz que, segundo alguns devotos e devotas, marca o lugar do seu assassinato. Para outros, a cruz está localizada na beira da estrada, mas o crime teria ocorrido dentro do “mato” que ali existia. Assim, de qualquer maneira, a cruz está definitivamente associada ao local da morte de Maria Agostinho dos Santos. Ainda existem outros devotos e devotas que afirmam que ali na cruz foram sepultados os restos mortais da vítima. As narrativas em torno da cruz são múltiplas, assim como os significados atribuídos pelos devotos e devotas e por aquelas que zelam por ela. A cruz, ao passar dos anos e das gerações, já teve três zeladoras. Essas zeladoras são mulheres que moram no entorno da cruz e acabam assumindo os cuidados com esse espaço de trocas simbólicas. São funções da zeladora: limpar, acender velas, rezar, auxiliar outros devotos no pagamento de promessas e também narrar os milagres de Maria das Quengas para quem se aproxima da cruz.

FIGURA 1 - CRUZ DE MARIA DAS QUENGAS



Fonte: Arquivo próprio.

Ao falar das visitas no Dia de Finados à cruz de Maria das Quengas, dona Francisca Rosa de Lima (Tica), atual zeladora da cruz, confirmou essas práticas:

É, chega duas, três pessoas, pra acender vela, pra rezar, pra deixar dinheiro, as vezes dá pra mim o dinheiro. [...] Porque se for pra comprar vela eu compro, se não for é pra mim mesmo. Tem muita gente que me dá dinheiro, me dá dez, me dá cinco, me dá pra comprar de vela e o troco fica pra mim (LIMA, 2013).

Assim, podemos entender a atual zeladora, dona Tica, como uma guardiã da fé que é depositada pelos devotos e devotas em Maria das Quengas. Ela faz parte da relação desses devotos e devotas com a santa, pois assume a função de comprar as velas com o dinheiro deixado pelos devotos e devotas e auxiliar no pagamento das promessas das outras pessoas. Assim, existe uma espécie de terceirização das promessas feitas pelos devotos e devotas: esse elemento da promessa ser paga por terceiros pode ser entendido como uma singularidade do culto devocional à Maria das Quengas, pois é um elemento que não aparece em outros cultos a milagreiros, pelo menos não de forma tão evidente.

FIGURA 2 – VELAS DEIXADAS ACESAS NA CRUZ DE MARIA DAS QUENGAS PELOS DEVOTOS E DEVOTAS NO DIA DE FINADOS DE 2013



Fonte: Arquivo próprio.

Dona Tica continuou falando sobre a visitação dos devotos e devotas à cruz de Maria das Quengas: “Sempre chega gente, duas três pessoas aqui. Acende vela, tira terço, pergunta se pode entrar, ‘Pode entrar minha filha, aí é de todo mundo’” (LIMA, 2013). Podemos fazer uma leitura nas entrelinhas da fala de dona Tica, pois, ao falar que o espaço da cruz “é de todo mundo”, a devota deixou subentendido que existem lugares que não são para todos. Desse modo, dona Tica sugeriu, em sua fala, que, devido à segregação social, existem lugares que, por conta de sua pobreza, não a cabem. Mas para a devota, na cruz de Maria das Quengas, todos os sujeitos, sejam eles pobres ou ricos, terão lugar.

Ainda analisando a fala de dona Tica, observamos que a visitação à cruz de Maria das Quengas, além de ser um momento de trocas – oferecimento de velas e rezas pelas graças e milagres alcançados –, é também um momento de construção de “afetividade” com a “santa”, com o lugar que marca sua morte, com o espaço de sua devoção.

Essa relação de “afetividade” se evidencia quando o devoto ou devota deseja entrar no espaço da cruz. Dona Tica, na função de zeladora, é quem tem essa palavra de conceder a permissão: “pode entrar minha filha, aí é de todo mundo”. Sobre essa “afetividade” dos devotos com os lugares de devoção, Andrade Júnior explica:

Não está apenas nas rezas, nos gestos e nas palavras, a demonstração de afetividade e ligação do mundo terreno com o transcendental, mas está também na escolha de lugares onde esta religiosidade se torna visível e ganha força. Sacralizar lugares onde o contato com o transcendente se manifesta para o crente é uma das características mais marcantes desta religiosidade não oficial (ANDRADE JÚNIOR, 2008, p. 97).

Desse modo, entendemos que é na cruz, especialmente no Dia de Finados, que os devotos e devotas de Maria das Quengas fortalecem seus laços com o transcendente e também com os amigos e vizinhos. Assim, “o espaço sagrado é o lugar da santa [...], onde ocorre visivelmente o encontro simbólico da santa com o povo, num contato direto, sem intermediário” (ROSENDAHL, 2012, p. 131). Esse contato direto com o transcendente e a sacralização de um espaço indica um movimento de autonomia dos devotos e devotas em relação à religião oficial, “pois as devoções surgem do povo [...], o povo constrói o espaço sagrado, realizando com ilimitada liberdade seus cultos religiosos” (ROSENDAHL, 2012, p. 143-144). A cruz de Maria das Quengas pode ser compreendida como um espaço sagrado, pois possibilita aos devotos e devotas o contato com o transcendente, mas também pode ser pensada como um espaço de sociabilidade, pois é lá que os fiéis se encontram no Dia de Finados para conversarem e relatarem suas promessas e acontecimentos do cotidiano, reforçando sua fé e sua apropriação da cultura religiosa oficial.

Outro elemento importante das devoções populares aos santos locais, que também pode ser abordado a partir da fala anterior de dona Tica, é a proximidade entre o santo e o fiel, que, nesse caso, chega a ser uma proximidade física, concreta: a devota entrou no “espaço” da cruz, no espaço sacralizado, que, segundo dona Tica, “é de todo mundo”.

Ter o contato com o sagrado em sua forma concreta, visível e palpável confere ao devoto um poder na relação com este sagrado. O pedido é direto e o pagamento pela graça alcançada também. Não há intermediação nem tampouco palavras inteligíveis. Devoto e sagrado utilizam a mesma língua e compreendem sem regras pré-estabelecidas, cada detalhe desta comunhão entre o mundo dos vivos e dos mortos. Quanto mais próximos da realidade social e cultural do devoto o santo ou milagreiro se encontra, mais direta é esta comunhão. Falar com quem entende a realidade na qual o devoto se encontra, encurta os caminhos para se chegar ao que se deseja: alcançar a graça e pagar por isso (ANDRADE JÚNIOR, 2008, p. 97).

O devoto e a devota se fazem presentes de forma concreta no espaço cruz de Maria das Quengas, especialmente no Dia de Finados, e desejam que a “santa” também interfira de forma concreta, através dos milagres e graças, em sua vida e seu cotidiano.

Assim, as pessoas que visitam a cruz de Maria das Quengas no Dia de Finados estão buscando estabelecer, ou fortalecer, um laço de fidelidade, afetividade e proteção com a santa popular. Ainda sobre o Dia de Finados, Santos (2014) nos apresenta outro elemento, outro sentido para esse dia comemorativo, um sentido cíclico:

Nessa textura, a comemoração do dia dos mortos assumia relações bastante reveladoras dos sentidos embutidos na experiência

narrada. É sabido que, tradicionalmente, a comemoração aos mortos ocorre, de forma oficial, no dia 2 de novembro de todos os anos, o que reflete um sentido cíclico de retorno à sua lembrança, cuja rememoração é comemorada, a partir de práticas diversas que demonstram as necessidades dos vivos de reatualizarem a lembrança de seus mortos (SANTOS, 2014, p. 74).

Dessa forma, no Dia de Finados, assim como muitas pessoas relembram seus mortos, alguns devotos e devotas anualmente também relembram Maria das Quengas: “Carmozita todos os anos dia de finado ela vem aqui rezar um terço e acender vela. É minha amiga... Se foi promessa eu não sei, nunca perguntei, só sei que todos os anos ela vem. Ela todo dia de finado ela vem. Pois é, depois é muito milagrosa, eu acredito muito que ela tá na graça de Deus” (CARMO, 2013).

No entanto, é importante levarmos em consideração que a cruz de Maria das Quengas não marca o local onde ela está sepultada, mas o lugar lembra/marca sua morte, ficando este distante do cemitério municipal de Russas. Em muitos cultos populares, o local sacralizado é o túmulo do “santo” popular, como discutimos no início desse artigo, sendo assim, ao visitar seus familiares no cemitério, as pessoas acabam também visitando o “santo/milagreiro” da cidade. Esse fato nos leva a inferir noutra particularidade na devoção à Maria das Quengas: as pessoas que vão até a sua cruz, no Dia de Finados, são realmente seus fiéis/devotos e devotas e não apenas curiosos para ver as velas e flores ali deixadas, como pode acontecer com os “santos” populares que têm seu espaço de sacralização dentro dos cemitérios.

Outro aspecto peculiar no culto popular em torno de Maria das Quengas foi evidenciado também pela atual zeladora da cruz, dona Tica:

Tem tempo que vem, mas tem tempo que não vem não. A mais tem o mês todinho, tem gente, viu? Que só vem adepois, outro vem no dia, é assim. Tem dia que tem muita vela, mas tem dia que não tem não. Esse ano teve pouca, mas pra frente já teve umas poucas, antes de terminar o mês, porque tem missa até o fim do mês né? (LIMA, 2013).

Segundo a devota, mesmo que no dia de finados as visitas à cruz não sejam abundantes e o número de velas acesas não seja tão expressivo, a frequência de devotos e devotas permanece durante todo o mês de novembro, já que são celebradas missas na Igreja do cemitério de Russas durante todo o mês de novembro e a cruz de Maria das Quengas fica em um dos caminhos que levam os moradores da zona rural para a cidade.

O ato de acender velas nos túmulos sacralizados ou nas cruzes que ficam nas margens das estradas, como é o caso de Maria das Quengas, pode ser entendido também como uma forma de zelo pela alma do morto. Existe uma troca nessa relação de devoção: o fiel necessita do santo e de seus milagres, mas o santo também necessita do zelo e cuidado do fiel, que permanece no mundo dos vivos:

O simbolismo de acender velas no túmulo dos mortos e deixar flores em seu contorno, nesta data, segundo a tradição popular, revela a intenção de devoção e o firmamento de fidelidade com a alma de quem já partiu. Denuncia, portanto, uma obrigação dos vivos para com os mortos, pois a morte não dissipa o vínculo do morto com seus familiares e oradores. Ele deve continuar presente no cotidiano e na memória social. E se quando vivo recebia os méritos nas datas de nascimento, depois de morto era e continua sendo especialmente no dia de finados que deve ser lembrado (SANTOS, 2009, p. 193).

Nas devoções populares, podemos perceber que existe uma relação forte entre o mundo dos vivos e mundo dos mortos, ambos precisam um do outro para existir. Ainda sobre o compromisso de acender velas no Dia de Finados, a devota e ex-zeladora da cruz de Maria das Quengas, dona Francisca Maria de Freitas Silva, nos relatou que:

É o dia todim, né? [visitação na cruz]. Às vezes vem gente até da rua, de madrugada não, vai mais é pro cemitério, né? Lá em Russas, mas de manhã vem, as vez vejo, eu passo lá pra minha casa, pra minha outra eu vejo gente acendendo vela de manhã cedinho (SILVA, 2013).

Segundo a devota, de madrugada, as pessoas preferencialmente vão ao cemitério, já que a missa é realizada pela manhã bem cedo. Mas, ao retornarem para suas casas, muitos visitam a cruz que marca a morte da “santa alma” da comunidade. O cemitério, como bem sabemos, tem outros atrativos: o lembrar os parentes falecidos e mortos próximos. Já a cruz de Maria das Quengas é um mistério, é uma esperança no porvir, as velas colocadas ali representam agradecimentos e esperanças em dias melhores. Concordamos com Ramos quando ele sugere que “na dimensão da esperança é que o fenômeno da religiosidade encontra terreno fértil, sobretudo quando acompanhado de elementos estruturadores do real” (RAMOS, 1991, p. 19). Desse modo, é na esperança de mudar o real que o devoto ou a devota sedimenta sua devoção.

FIGURA 3 – ANTIGA ZELADORA DA CRUZ DE MARIA DAS QUENGAS E UMA VIZINHA VISITAM A CRUZ NO DIA DE FINADOS DE 2013



Fonte: Fotografia do autor.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, reafirmamos que as visitas no dia 02 de novembro, Dia de Finados, é um dos elementos presente em quase todas as devoções ditas populares, marginais ou de cemitérios. Desse modo, percebemos que os devotos e devotas utilizam-se de um dia “oficial” do calendário católico para alimentarem suas devoções não reconhecidas pela instituição.

Associando o Dia de Finados com a visitação aos milagreiros, o fiel supre a ausência de uma data oficial do culto ao santo popular. Analisando todas essas devoções e as movimentações em seus espaços físicos no Dia de Finados, é possível percebemos que cada culto, apesar dos elementos comuns, guarda também particularidades; por exemplo, podemos destacar a terceirização das promessas no culto devocional à Maria das Quengas.

Essa terceirização das promessas só é possível devido à existência da figura da “zeladora da cruz”. Mulheres que se dedicam aos cuidados físicos do espaço da cruz, mas que também guardam e anunciam as narrativas dos milagres e graças alcançadas pelos fiéis. Assim, as zeladoras da cruz são peças fundamentais para esse espaço que foi se fazendo sagrado. Com as visitas, portanto, a crença na santidade de Maria das Quengas é reafirmada, o espaço “sagrado” legitimado e a devoção alimentada.

Referências

ANDRADE JUNIOR, Lourival. **Da barraca ao túmulo: Cigana Sebinca, Christo e as construções de uma devoção.** Tese (Doutorado em História)- Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2008.

CARMO, Francisca Feliciano do. **Entrevista concedida a Ruan Carlos Mendes.** Russas - CE, 11 de julho de 2013. [A entrevistada tinha 60 anos na data da entrevista] (Acervo pessoal).

FALCÃO, Marcílio Lima. **Uma morte muito aperreada**: memória e esquecimento nas narrativas sobre um cangaceiro de Lampião em Mossoró. Dissertação (Mestrado em História Social)- Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011.

GAETA, Maria Aparecida J. V. “Santos” que não são santos: estudos sobre a religiosidade popular brasileira. **Mimesis**, Bauru, v. 20, n. 1, p. 57-76, 1999.

LIMA, Francisca Rosa de. **Entrevista concedida a Ruan Carlos Mendes**. Russas - CE, 02 de julho de 2013. [A entrevistada tinha 62 anos na data da entrevista] (Acervo pessoal).

PEREIRA, José Carlos. **Devoções Marginais**: interfaces do imaginário religioso. Porto Alegre: Zouk, 2005.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. **Caldeirão**. Fortaleza: UECE, 1991.

_____. Crer para ver, merecer para pedir: o Padre Cícero na tradição dos devotos. In: CARVALHO, Gilmar de. **Bonito pra chover**: Ensaaios sobre a cultura cearense. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2003. p. 91-102.

ROSENDAHL, Zeny. O Sagrado e o Espaço. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato. (Org.). **Explorações geográficas: percursos no fim do Século**. 5 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

SANTOS, Cicero Joaquim dos. **No entremeio dos mundos**: tessituras da morte da Rufina na tradição oral. Dissertação (Mestrado em História e Culturas)- Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza. 2009.

SANTOS, Cicero Joaquim dos. História Tradição Oral: a teia mnemônica como Categoria Discursiva. In: MELLO, William J.; LIMA, Zilda Maria Menezes; MUNIZ, Altamar da Costa (Orgs.). **História, memória, oralidade e culturas**. Fortaleza: UECE, 2014.

SILVA, Francisca Maria de Freitas. **Entrevista concedida a Ruan Carlos Mendes**. Russas - CE, 11 de julho de 2013. [A entrevistada tinha 47 anos na data da entrevista] (Acervo pessoal).

VIANA, Roberto dos Santos; ANDRADE, Solange Ramos de. Manifestações populares do catolicismo em Maringá: o culto ao “santo” Lô. Anais do II Encontro Nacional do GT História das Religiões e Religiosidades. **Revista Brasileira de História das Religiões** – ANPUH. Maringá, PR, v. 1, n. 3, 2009. ISSN 1983-2859.

Para citar este artigo

MENDES, R. C.; NEVES, B. A. de C. A cruz de maria das quengas: visitação, devoção e sacralização do espaço. **Macab a – Revista Eletr nica do Netlli**, Crato, v. 10, n. 4, 2021, p. 178-192.

Os Autores

RUAN CARLOS MENDES é graduado em História (2015)-UECE/FAFIDAM. Mestre Interdisciplinar em História e Letras (2018) - UECE/FECLESC. Atualmente doutorando em História Social pela Universidade Federal do Ceará - UFC. Bolsista CAPES. Pesquisa as relações em torno da memória, religiosidade e literatura.

BERENICE ABREU DE CASTRO NEVES é graduada em História, Especialista em Questões Teóricas e Metodológicas em História e Mestre em Sociologia (UFC). Doutora em História (UFF) e pós-doutorado no CPDOC, (FGV). Autora de “Jangadeiros: uma corajosa jornada de Lutas no Estado Novo”, Editora Civilização Brasileira, entre outras publicações.